

QUINTA-FEIRA
Lisboa -- 21 de Outubro - 1926

5 TOSTOES

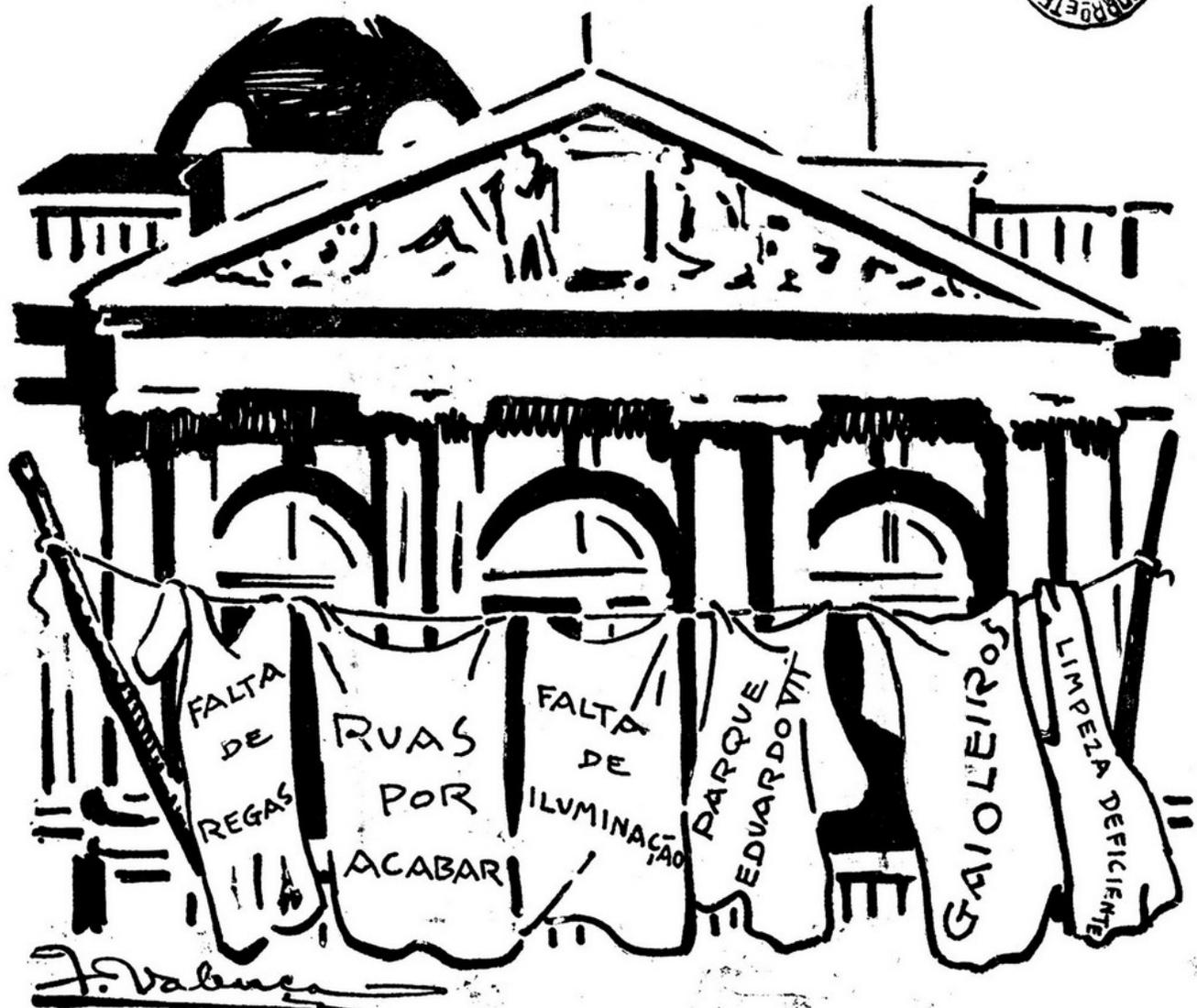


sempre **21**
five *sema humor*

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administr
REDACÇÃO E OFFICINAS
TEL. T
RUA DA



C. M. L.

A CASA DOS TREZ

O MARIDO

que passa o tempo
a lêr...

Ele—Prepara-te para irs hoje ao teatro. Vem o Alberto buscar-nos.

Ela (um tanto sobresaltada)—O Alberto?

Ele—Parece que não é costume!...

Ela—Bem sei que é costume. Mas admira-me que ele venha esta noite.

Ele—Porquê?

Ela—Porque hoje era dia de vir cá —e de ficar cá... Agora, irmos todos ao teatro...

Ele—O que queres dizer com isso? Não despertes os meus cunhos!

Ela—Recolhe a ira! Bem te conheço para que ele venha esta noite.

Ele—Porquê?

Ela—Que queres dizer com isso?

Ele—Que ha coisas que, embora sejam contra a moral que se aprecia mas que se não respeita, tem que se aceitar. E tu tens que te resignar ante a tua situação.

Ela—Não brinques com coisas sérias!

Ele—Sérias? Não sei porquê? Se de ti não pude vir perigo nenhum!

Oh! Sabes que mais? Gosto do Alberto. Sinto a necessidade de o ter junto de mim, de ser sua.

Ela—Cala-te! Olha a criada!

Ele—Que importa? Ela já sabe tudo. Sabe-o toda a gente.

Ela—Juro-te que fui o ultimo a saber...

Ele—E' o costume... Mas, se assim foi, foi devido ao teu desinteresse em conhecer a verdade. De resto, já devias esperar por este resultado.

Ele—Hom'essa!

Ela—Não me disseste quando nos casámos: «Gosto tanto de ti, que consentiria em tudo para que não me deixasses?»

Ele—E' verdade... Mas nunca julguei...

Ela—Apareceu-me o Alberto. Cortejou-me. Teve para mim essas pequenas caricias que a mulher aprecia mais do que um cheque. Foi o meu amante—o homem que eu sonhara para para marido, para me acompanhar a toda a hora.

Ele—Mas eu estou sempre junto de ti, quando não ando preso pelos meus negocios.

Ela—Sim. Estás em casa, mas passas o tempo a lêr o Shakespeare e o Vitor Hugo... Ora, não foi para isso que eu casei contigo...

Ele—Querias antes que lêsse o Paul de Kock?...

Ela—Tens pouca base para ditos de espirito. E demais: não vale a pena discutir. A situação é como te expliquei. Não a discutas. Aceita-a e cala-te: O Alberto é de ha muitos meses o meu amante oficial. Todos o sabem—e todos acham bem. Tu mesmo—escusas de negá-lo—concordas com a solução. E até parece que te agrada...

Ele—Mas o que eu não percebo é o teu sobresalto quando te anunciei que o teu camião vinha buscar-nos para irmos ao teatro... Buscar-nos, é como quem diz: buscar-te. Porque eu dispuso a companhia. Se és dele, vai tu com ele. Se toda a gente o sabe já, fica sabendo o mesmo...

Ela—Já que entrámos no terreno das confidencias, vou-te dizer: é que o Alberto tem andado ha dias firmando com a mulher do Antonio. Ontem zangaram-se. E se ele quer hoje ir comigo ao teatro, é apenas para lhe despertar cunhos. Ora eu não estou disposta a servir de lenha para essa fomalha. Portanto, se ele vier, vai tu com ele. E'-me mais agradável—e é mais decente...

Ele—Mas, depois de tudo isto, ainda haverá alguma coisa decente?!

A criada de casa para a costureira—Ah! se o sr. Dr. Clemente Gomes sabe disto!...

Um como ha muitos.

Salvemos os rapazes!

Meu caro «Sempre fixe»:

Ha quem leia o Presente, Passado e Futuro, officio este de grande futuro e que deixa passado todo o presente a uma sessão de cartomancia.

Eu, porém, se não leio o Presente, Passado e Futuro, leio-te com enorme prazer e despêlo o meu precioso figado, nesta epoca bastante difficil de desopilar. Ora no teu ultimo numero, lanças uma campanha em prol da salvação dos Rapazes. Além de ser uma excelente ideia, ficam-te muito bem esses sentimentos!

Realmente, uma grande parte dos individuos do meu sexo caminham a passos agigantados para a Prostituição. A causa disto tu sabes melhor do que eu. A maioria dos casos do prostituição dos rapazes é devido á influencia da nudez forte do sexo fraco. E não digo nudez forte da verdade, porque ha mulheres tão bem despidas que até parece mentira!

E depois, com esta temperatura abraçadora, mulheres ha que se apresentam em qua i completo estado de nudez, pelo que a maioria dos homens tem a sensação de que o calor é elevado ao quadrado.

Ora como o calor dilata os corpos dos infelizes, tu comprehendes que todas as partes do seu fisico se dilatam tambem...

Mas—o eterno mas!—existem homens que andam com todas as partes do seu fisico encolhidas. E' um outro genero de prostituição, cujas causas

ainda não consegui averiguar. Uns afirmam ser devido ao enjoo de tanta carne feminina em exposição nas ruas, outros dizem que é andação.

Em qualquer dos casos, é desagradavel para aqueles que apreciam apenas o sexo fraco, pois dão azo á inumeras confusões.

As mulheres de saia travada, badine e cabelo cortado passam muitas vezes por homens. E os tais cavalheiros do enorme cabeleira, casaco cinto e calças de balão muitas vezes confundem-se com as mulheres!

Ora para evitar os dois generos de prostituição de que atraz me referi, peço-te para publicares o seguinte alvitre:

As mulheres devem usar vestuario identico ao nosso. Nós, que nos prostituimos com a nudez forte da mulher, devemos andar apenas com a nudez... para as mulheres poderem avaliar a forte verdade de que não fazemos parte da falange dos que detestam a nudez duma forte mulher—digo—a nudez forte da mulher!

Para estes é aconselhavel o uso da saia, carmim, cabeleira e mitenes... Peço-te para aproveitares o meu alvitre, pois salvarás aquelle que, fazendo parte dos individuos que tem grande fe pelo sexo fraco, se vê a caminho da prostituição.

Cumprimentos do amigo tambem fixe

Reciz.

Futebólómania



— Este entusiasmo é para ganhar pontos... ou contos?..

COIROS E CABEDAIS

UM "CERTAMEN"

de artigos femininos

Anunciam de Paris com toda a seriedade que se vai realizar ali uma exposição de coiros. Coiro feminino em toda a extensão do artigo. Ora aqui está uma ideia, num país como e nosso, em que ha gabinetes reservados para as produzir, que o Sempre fixe deve ventilar com a ajuda reforçada de limonadas de citrato de magnesia.

Paris tem que trabalhar para a exposição. Lisboa é mais feliz—exponetaneamente apresenta os seus productos, que não tem rival nem competencia.

O Chiado, por exemplo, será a arteria principal da exposição. Coiro do vitela, trabalhado em pirogravura—e eis que passam algumas meninas, com varias infelicidades nos seus dezoito anos, como seja um primo bombeiro, que por habito e tradição costuma estender a mangueira. Coiro de cadeira, trabalhado a fogo, antigo—e temos muitas senhoras me truptiveis e de pouca flexibilidade, que dão assento a qualquer cavalheiro, mesmo sem este pedir licença. Coiro espanhol, remessa velha,—e surgem algumas damas de nacionalidade indeseja, bastante apreciadas pelos entendedores que gostam do cabedal, conforme as rugas e os crificios do caruncho.

Como veem, a cidade possui muito para expor. Pode exportar para todo o mundo, assim como o talento dos nossos politicos e as revoluções relativas a cada um deles. Mas não acaba aqui o mostruario. Embora o cronista não seja caixeiro viajante de coiros e cabedais, não pode deixar de apresentar mais algumas especialidades. A sogra, mesmo sem cabedais, entra no capitulo de coiro obrigatorio para uso domestico. Ha de todos os tamanhos e feitios. São duras e resistentes. Chegam até ao fim da vida do cidadão, novinhas em folha. Nunca precisam de concerto. Aplicadas em tambor familiar, servem do rufo e arrufo e tem uma elasticidade á prova de fogo ou de qualquer outra calamidade.

A expressão corrente e vulgar de: —«Que grande coiro!»—não tem nada de melindroso. Significa apenas um galanteio que os cavalheiros elegantes das arterias dirigem ás senhoras quando estas não enganam os maridos.

Muitas vezes são promovidas a pedra preciosa e rara, nestes termos: —«E' um camaféu!»

Quasi sempre o quidam do piropo tem uma coleção em casa e fala autorizadamente na materia.

Ha tambem varias casas de coiros e cabedais na rua dos Fanqueiros e em outros lugares, embora sem fanqueiros.

Essas casas fazem bastante negocio e podem entrar na exposição. Será bom que se faça um concurso de beleza e se veja qual é a melhor: se o coiro-coiro, se o coiro que nós conhecemos e não dizemos. Em qualquer dos casos, devemos considerar ambas as especialidades não-exportaveis, para não haver difficuldades no abastecimento de varios lares que se concentram com esritos.

João Brejeiro.

Um facinora da Carris

condenado nos Pequenos Delictos

Aquele heroico combatente da Carris que ia matando um garoto, vendedor de jornais, em nome da *solidariedade proletaria*, e para provar que é obediência ás ordens dos seus donos—so algum dia o sindicato inglês de Santo Amaro o acaula contra o povo, não hesita, por certo, posta assim a questão, em nos derrancar as cadelas á dentada—foi julgado e condenado no Tribunal dos Pequenos Delictos.

Os nossos colegas que ainda teem coragem para levar isto a sério contaram já como o caso se passou no gabinete do sr. dr. João Eloy, director da Policia de Investigação Criminal, onde o condutor se apresentou transmutado, de fera que se, em *desgraçadinho* que pretendia ser, a jurar, com tremulos na voz, que o *ordina* meudo o voltaria á marrada, como a pantomineiro da praça de Algés.

—Marrrou-me, sr. dr. juiz. Ia-me escangalhando os queixos á marrada. Para prova, ainda aqui trago uma pinguinha de sangue no lenço de assaar.

* * *

Vale a pena, porém, registar algumas notas que escaparam á reportagem.

Antes de maio nada, convem fixar que o vendedor de jornais é de tão pequena estatura que, para *marrar* nos queixos do latagão seu agressor, tinha este que lhe pegar ao colo. Pois, não obstante, appareceram tetemunhas a jurar que tinham visto a *formidavel* ofensiva. Uma delas até confessou que, por ser *abstenica*, *inri*gueirou para casa, aflitissima de ver o pobre homem nos cornos do touro.

Toda a gente ia confranger-se... de tamanho desearamento, quando se averigou nada mais, nada menos, que a scena da marrada fora ensaiada adrede entre o mata-ardinas e

um sr. Barros, chefe do movimento da Carris.

Foi em ordem de serviço: «Os numeros tal, tal o tal mascaram-se de paisanos e comparecem, no Governo Civil, ás tantas, a jurar pela sua honra que viram o petiz a cornear o 16.»

E eles foram, pelo mesmo principio de obediencia cega que os leva a tratar como cães chaguetos e raivosos os pobres que vivem honestamente do trabalho, enquanto não se pejam de estabelecer uma concorrência desleal com os engraxadores de profissão, sempre que se lhes defronte algum dos donos.

O diabo foi, porém, que o conluio desmascarou-se em pleno tribunal, e um tal Salvador dos Santos, que tambem se desfarçara de passageiro para salvar o 16, nem a si proprio se salvou. Foi dali direito para o calabouço, onde passou a noite a pedir que lhe fossem comprar jornais...

Outro, um policia que dá pela alcinha de «Caveira», e já foi julgado em tempos por ter agredido uma criança, afirmou-se muito indignado por não ter ficado em familia a sova bestial que o gardinto apanhou.

—Aquilo escusava de se ter propagado...

E exclamou, ante o pasmo da assistencia, depois de chamar boi á vitima do condutor:

—Seu grande cabraão!

—Quem?

—O boi... Quero dizer: neste caso, era o outro.

—Qual outro?

—O outro é este. Que eu cá não o conheço. E' a primeira vez que o vejo...

Interrupção duma tetemunha:

—Conhecem-se e são amigos. Teem estado toio o dia a combinar aqui mesmo a defesa, no Governo Civil.

E como o juiz mandasse lavar auto para proceder.

—Olhe, sr. doutor: a verdade é que aquilo foi um grande sarilho. Eu nem sei bem como o caso se passou! Não posso precisar... Quando ocorreu a occorrença etsava eu em frente do *Carbone* da estação.

—Reparou se o seu derrubou o queixoso?

—Reparei que o puxou *forçosamente* do *oulaestre*.

—Mas caiu, eu não?

—Caiu de pé.

—Com certeza?

—Pouco mais ou menos.

—Quem ia mais dentro do carro?

—Ia uma data de peixeiras com as gígas, iam dois tipos distraídos a conversar, ia um velhete a medos cheio de pilholas, ia outro com uma beladaira que nem dava acôrdo de si...

—E o condutor consentia isso no carro?

—Não vê v. ex.ª que é autorizado por lei. De resto, os passageiros seguem todos em boa ordem; só queon fez a alteração foi o garoto dos jornais.

—As gígas de peixe não cheiravam mal?

—Sabêrá v. ex.ª que sim. Mas as mulhersinhas, áquele tempo, já tinham entornado a agua suja para cima de uma senhora que lá ia. E' autorizado por lei.

—E os outros passageiros?

—Tudo em boa ordem, sr. doutor.

Eu, mais o condutor, até nos iam a rir da graça dos tais da conversa. Não sei que raio eles diziam, que uma outra senhora até se fazia encarnada de os ouvir e, a certa altura, saiu do carro toda encarnada, a chamar malcriados aos sujeitos.

—Achou-lhes graça, então...

—E' que a mulhersinha no percebeu que aquilo que eles diziam era a reinar. E' da lei, sr. dr. juiz. E' da lei. O garoto é que escangalhou tudo lá com a mania de vender o jornal.

—Tambem é da lei consentirem os bebedos nos carros?

—Lá isso não sei. Não estou bem no facto. Mas a Companhia, que não dá ordens em contrario, é porque entendo que deve permitir... Ele, o bebedo que lá ia, só vomitou uma vez, e mesmo assim, para o chão. Não soujui ninguem nem comprou jornais em toda a viagem.

O sr. dr. João Eloy tocou a campainha e, condenado o reu, como era de justiça, ordenou:

—Pode seguir!

—Para onde, sr. doutor? Faz-se mudança de bandeira?

—Não. Se a bandeira é inglesa, deixe-se ficar, até ver, e siga o reu para o calabouço. A não ser que prefira pagar com 200 escudos de multa o delito que praticou.

O condutor seguiu sem guarda-freio nem nada, a insultar toda a gente, como se fosse a vender bilhetes nalgum carro dos patrões.

Sempre Fixe

A Imprensa e a Carris

Os condutores da Carris, Mais ferros que os canibais, Erguem os punhos hostis Se apunham qualquer petiz No carro a vender jornais. As ferros não dão licença Que vendam jornais ao povo, E, co'a furia mais intensa, Movem a guerra á Imprensa, Merce dum processo novo. Tendo a franquia aumentada E a tiragem reduzida, Não nos faltava mais nada Que vir esta gente honrada Dificultar-nos a vida! E' de esperar que os seus furores Não sejam de longa dura; Porque senão, meus senhores, Ser-nos-hão os condutores Mais nocivos que a Censura.

João Fernandes.

O «SEMPRE FIXE» NA FIGUEIRA



Dialogo de Macedo, Miguel Belçudo, Dr. Esteves, Dr. João Grande e Alberto Correia

CANÇÃO NACIONAL

Os fados dos bairros

O fado da Alfama

Mote

Dos tempos que já lá vão,
hoje ainda se proclama,
um bairro de tradição
Ei sempre o bairro d'Alfama.

Glosas

Co'o talaquico suspenso,
Caindo do saguetei,
á missa de S. Miguel,
entre o sapé e o sacoso,
lá lá o Capote e levo,
ao louspene ou cantochão,
levando em volta da mão
um encabado rosário...
Era Alfama na santuário
Dos tempos que já lá vão.

Tere o bairro tais grandezas
nos seus dias magrestosos,
que em palácios santuosos,
cruzes condas e marquezas
só falavam em grandezas...
Mas, um dia, foi-se a fama
sem perder a aurea chama
que ficou na nossa história,
cuos feitos, em memoria,
hoje ainda se proclama.

Este bairro tão antigo,
de qualidades tão belas,
hoje, em dia, nas vitas,
por um sordido postigo,
á miséria dá abrigo,
e ao visinho seu irmão
o amparo tem á mão
se lhe toca uma desgraça,
ou não fosse, pela raça,
um bairro de tradição!

Do céu tere tais desvelos
que até Deus, Nosso Senhor,
com um gesto protector,
pô-lo á margem dos flagelos.
Se esqueceu os dias belos
do trajar d'ouro em illama
e palmilha hoje p'la lama,
quem conserva a magestade
dos brasones da antiguidade
foi sempre o bairro d'Alfama.

Reporter B.

O melhor freguez do "Sempre Fixe"
e da Brasileira do Chiado



J. P.

Brazill Brazill Brazill

(por Joaquim Guerreiro)

Um pequenino nada...

O ultimo coche dourado e puchado
por seis cavalos brancos, com penachos azues e brancos, precedido pelo
corroio de gabinete, era ocupado pelo
sr. Melo Barreto, Embaixador de Portugal.

(De O Seculo, de 15-10).

Esse Barreto,—que é de pressupõr
Chorasse dentro da materra entranha,—
Foi recebido como Embaixador,
Co'os prodigios de luxo e de esplendor
Em que requinta essa fidalga Espanha.
E esse que eu vi, em tempos não distantes,
Ir aos tascos comer iscas sem elas,
Atravessou p'las alas coruscantes
De senhores de couraças scintilantes,
E entre o som triunfal das charamelas.



Impante de vaidade, e ladeado
Por fardas amarelas e vermelhas,
O Grande Embaixador foi transportado
Sôbre os coxins dum coche alto e doirado,
Puchado a três riquissimas parelhas.
E esse, que eu vi tomar carros de praça
Num chouto incerto de pilecas mancas,
Foi transportado por corceis de raça,
A que o justo Destino, por pirraça,
Pôs as plumagens mais azues e brancas!
Proposito não foi, visto que a Espanha
Timbra na fidalguia mais completa,
E, quando um dia, por acaso, apanha
Dentro da sua casa gente estranha,
A trata da maneira mais correcta.
Mas se o Barreto nos quizer ser franco,
E se é que um sentimento inda lhe resta,
E se é capaz dum generoso arranco,
Ha de dizer que aquele azul e branco,
Foi o bastante p'ra estragar-lhe a festa.

João Fernandes.

BARBOSIADAS

O PRATO DE SONHOS

30.º sonho

o do dr. José Pontes

Depois de defrontar um auditorio
sôbre o nosso esqueleto, o mestre Pontes,
por entre livros de Desporto aos montes,
calornceceu no novo consultorio.

Sonhou co'os fracos, hoje uns brutos
montes,
p'la propaganda escrita cu em palavrario,
da qual o sóco foi o accessorio
p'li'ô sangue bater bem no pulso ou
fontes...

Sonhou que não tivera um só cliente
e que maldisse o Sport, crendo-o virtude...
—Porquê tal virá-volta de repente!...

Não era para estranhar tal sonho rude,
pois, p'las lições que deu antigamente,
Lisboa estava cheia de saúde!...

31.º sonho

o de Robles Monteiro

Censado o Robles pelas comoções
de conseguir uma época vendosa,
quer, no Ginnasio, a falar co'o Barbosa,
quer, em S. Carlos, idem, co'o Corêes.

Sentiu um quebramento nos tendões
e fez uma sonneca cor de rosa
que, em sonhos, lhe mostrou vida ditosa
p'la gloria de continuas ocações.

Viu no Ginnasio o Santos Nascimento
a prometer que lhe punha a plateia
rés-vés á rua, junto ao zarimento...

Que tinha feito do azeite a esteira...
Que era o Ginnasio, enfim, um mona-
mento!

Se não fosse um sonho, uma bela ideia!...

O' Mãe Cristo Neto.

O melhor azulejo mourisco

da exposição de Sevilha



J. C.

Sevilhal Sevilhal Sevilhal

(por Joaquim Guerreiro)

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

O R. M. sempre entrou no T. G.— onde ele se estreou como empresário. Consta que a primeira peça da temporada, a começar em brevíssimos dias, é o *Sonho duma noite de Agosto...*

Romântico título, a que está ligada uma das melhores recordações daquele artista. Costuma-se transplantar a vida para o palco, mas muitas vezes dá-se o contrario...

Que lindo sonho! Sonho duma noite de Agosto!

ENTRE atrizes de revista, no P. M.:

—Então o que me dizes? Fulana retirou-se...

—Só teve tempo de mostrar algumas *toilettes* e uma magnífica saída de teatro...

O EMPREZARIO M. B. anda tão entranhado nas suas funções de director de teatro que, nos ensaios, já se senta no *fautuil* do seu colega C. B.

Eis o que se chama a atracção do assento.

O E. B., antes de vir para o T. da T., veraneou na Figueira—a Nico portuguesa. Ao entrar na capital, foi cumprimentar o seu amigo B., sócio do empresário J. L.

Houve este dialogo:

—Sabe o meu querido B. que na Figueira consultei uma cigana. Adivinhava tudo! O nome da pessoa e a profissão eram suficientes.

—!!!

—Dei-lhe o seu! Sabe o que ela me disse? Que o meu amigo estava muito arreliado. Ia fazer uma grande viagem e depois voltava para liquidar todos os negocios.

—Todos?

—Menos os de teatro!

—E veio você da Figueira para me dizer isso! Não seria melhor ter vindo de Peniche...

UMA anedota antiga e autentica: J. L., empresario muito conhecido, encontrava-se uma vez no Brasil financiando, entre varios negocios, um de uma companhia italiana, que era dirigida por um artista que tinha uma filha. Todos os dias, o italiano reclamava isto e aquilo para a menina. Não havia possibilidade de o convencer, nem de o acalmar.

J. L. manda chamar o homem ao seu escritorio e pergunta-lhe:

—Quanto tempo falta para acabar o contrato?

—Três meses!

—E quanto quere o senhor para se ir embora, com a sua filha e a companhia?

—O quê?! O patrão está a brincar?

—Falo sério!

—10 mil liras!

—Aqui as tem—e volte quando a sua filha tiver falecido!

A MULHER desconhece a hora. Anda sempre fora dela. Para exemplo, esta anedota da Mistinguett, quando ela vivia com Chevalier. Estava a artista francesa no seu cama-



O homem... e os seus fantasmas!

Lucinda Simões

Completo ha dias
60 anos de teatro.

*Sessenta anos de teatro,
Sessenta anos de labuta,
Fazendo o diabo a quatro,
E' só ela que os disfruta...
Pra tanto ninguem se pinta,
Nem o Erico que é um atleta,
Que o tempo não vai na finta,
Que o tempo não é pateta.*

*Vinte e um mil e novecentos
São os dias a que monta
De sucessos suculentos,
E fazendo bem a conta,
A três actos por serata,
Surge uma cifra que afronta,
Surge uma cifra que mata...*

*A Lucinda representa
Nestes anos de tormentos,
Em que pinta o diabo a quatro,
Nada menos que sessenta
E cinco mil setecentos*

*Belos actos de teatro.
Sessenta anos de ribalta
E' coisa que causa espantos,
Mas creio que inda lhe falta
Representar outros tantos.*

João Formiga.

rim, trocando a *maquillage* do palco pela da rua.

—Despacha-te — diz nervosamente para a costureira.—Tenho uma entrevista com Chevalier ás 5 horas.

Nisto batem as 6.

Mistinguett já serena:

—6 horas! Tenho tempo,

—SOU feliz!... Tenho muito dinheiro, um bom amante e papeis maravilhosos—diz uma actriz muito conhecida.

A colega cheia de inveja:

—Mas quem foi a estúpida que perdeu tantas coisas duma só vez?!

A PROPOSITO de operas e operetas:

Um tenor acaba de se estreiar e é furiosamente pateado.

Indignado, procura o director:

—Quero rescindir o contrato.

—Como quizer...

—Não se espanta da desfeita que me fizeram!

—Com effeito...

—Talvez o publico seja surdo, pretendo desculpar o tenor.

—Não! É exactamente por o meu publico não ser surdo que você foi pateado.

SACHA Guitry está agora em moda. Um dia, para fazer uma *tournee* na provincia, quiz contratar determinado colega.

—Lembre-se, meu caro Sacha, que na *tournee* X era muito bem pago.

Adivinde quanto eu ganhava?

—Hum! 300 francos por mês...

—Não, senhor! Ponho mais um zero e terá a cifra.

—O quê! exclama Guitry. Mais um zero?!

—Sim, explica o artista, ganhava 400 francos!

LISBOA, este inverno, bate o *record* teatral das temporadas anteriores.

Todos os teatros abertos. Todas as companhias a funcionar.

Se sair a sorte grande do successo, queira Deus que seja num bilhete aberto em cautelas. Embora os empresarios não fiquem ricos, ficam pelo menos—remediados. Por outras palavras: o sol quando nasce é para todos!

O *Cabaz de Morangos* continua a encher. Questão de fruta, fora do tempo, dirão os mais reletidos.

—Esperem pelo verão!

O L. F., que não se deixa ir abaixo, já respondeu:

—Não se importem! Para a futura epoca tenho outra revista, tambem lá dos meus sitios: *Queijadas de Sintra*.

Que é como quem diz:

—Toma lá queijadas!

ESTA' no Porto o *Ba-Ta-Clan*. Recomenda-se aos apreciadores de comida francesa—discreção e proporção nas comidas!

A COMPANHIA A. M. levou no Rio de Janeiro a *Ditosa Patria*.

A L. D. fez successo na «Padeira do Aljubarrotas». Se lá estivesse o seu colega S. C., diria a grande piada do *Pistótira*:

—Cautelal! Não amasses nenhum «papo-séco»... que isso é fabrico nacional.

O Homem das 5 horas



A inauguração do campeonato lisboeta de *foot-ball*, no domingo passado, tinha como pratos apimentados as aparições de três *internacionais* como novos aderentes de três clubes da Divisão de Honra.

Mas, no *Benfica*, Figueiredo não *atamaneia* jogada que se visse.

No *Vitória*, Ferreira marcou conscienciosamente para fora, uma grande penalidade que teria dado a vitória aos seus.

E no *Casa Pia*, Ballão não conseguiu *friccionar* a bola mais do que uma meia dúzia de vezes.

De resto, a pessoa que mais se distinguem nos quatro desafios foi o juiz João dos Santos Junior, que no encontro *Sporting-Casa Pia* se houve com grande vivacidade no papel de *arbitro-sua-leiro*.

O publico também *marcou*, gritando bastante mais do que aquilo a que já estavam habituados.

E' fora de duvida que o *foot-ball* e um desport' fatigante. Mas ainda assim o que ha de mais fatigante no *foot-ball* são os espectadores.

Ha *fureiros* que chegam a casa derreados, com a camisa pregada ao corpo. A familia acode logo, pressurosa e inquieta:

«—Oh Pantalão! Tu dás cabo da saúde com tanto sport que fazes!



Ford, o celebre construtor americano de automoveis, recebeu outro dia uma carta dum petiz, que lhe mandava dois *dollars*, pedindo contra essa importancia o envio dum carro.

O homem mais rico da America achou-lhe tanta graça que respondeu pedindo-lhe para visitar uma das suas fabricas.

No dia combinado, chega o garoto na companhia do respectivo papá, e Ford disse-lhe:

«—Vais visitar a fabrica toda. Olha bem para os automoveis, e no fim vem-me dizer qual te agrada mais.»

A visita levou tempo, mas por fim o garoto voltou:

«—Então—diz-lhe Ford—qual preferes?»

«—Se isso lhe não faz muita diferença, senhor Ford, eu preferia que me desse outra vez os dois *dollars*.»



Uma historia autentica:
Na Associação de Foot-ball de Lisboa estão-se fazendo exames para arbitros.

Numa noite destas, appareceu a receber a sanção official um rapaz que em Setubal tem arbitrado varios jogos e de quem os conterraneos diziam maravilhas.

Pergunta o examinador:

ORAÇÃO AO SANTO E MARTIR JOAQUIM FERREIRA

que durante tantos anos viveu numa caverna de leões, tendo conseguido sair devido á sua extrema bondade e aos milagres com que conseguiu deixar de boca aberta os reis dos "animais"

*O' Santo de bondade tão notoria!
O' alma caridosa e bemfazeja!*

*Esse teu nome ha de passar á historia,
numa aureola sublimissima de gloria,
bendito pela Santa Madre Igreja!*

*O' Ferreira, maior dentre os Ferreiras!
Como os leões outr'ora te adoravam!
Mas não creias em feras traioceiras
que te querem perder de mil maneiras
e que a Judas agora te comparam.*

*O' Santo Padroeiro! Tanto mal
que disseram de ti. E' sempre assim
a multidão imensa e infernal.
Quando tu, ó bom santo, és tal e qual
inocente e bondoso querubim.*

«—Que meias rasteiras; que brincavas;
que diziás piadas aos parceiros,
e que até muitas vezes insultavas.»
*Mentira! Porque tu, quando jogavas,
eras sempre o primeiro entre os primeiros.*

*Não me deixes cair em tentação,
ó Santo bemfazejo de alma pura.
E que nunca em quaisquer ocasiões
eu vá ter ao covil dos tais leões
que te põem p'las ruas da amargura!*

Zé Maria.

«—Um *goal-keeper* dá mais de dois passos com a bola nas mãos. O que faz o senhor?»

«—Marco uma grande penalidade!»

«—Veja lá bem...»

«—Já lhe disse: marco uma grande penalidade!»

«—A lei não diz isso...»

«—Mas eu não me importo. E não me importo porque sou muito enérgico—lá em Setubal toda a gente o sabe!»



Segunda historia autentica.

Noutro exame, é posto o seguinte problema:

«—Imagine o senhor que no momento em que um dianteiro vai rematar ao *goal*, dentro da grande area, o *back* adversario dá-lhe dois sócos. O que é que faz?»

«—Mando marcar um *penalty*.»

O examinador, para se assegurar da consciencia da resposta, insiste, a ver se o candidato se desdiz:

«—Tem a certeza de que é um *penalty*?»

O aspirante a juiz tem uma hesitação e pede para que lhe seja feita a pergunta. O examinador repete o animo-o:

«—Vamos... é facil. Dentro da area, o *avancado*, ao rematar, é agredido pelo *back* contrario com dois grandes sócos...»

«—Ah! foram dois sócos? Então marco dois *penalty*!»



Tercera historia autentica — bastante mais autentica, mesmo, que as outras duas.

Num grande clube da Divisão de Honra. Manhã cedo. Acabou o treino da primeira categoria e os jogadores estão todos sentados em volta de uma mesa, tomando um *petit déjeuner*, pago pelo clube—naturalmente...

No fim, um deles, depois de acender um esplendido *silk-tip-ped*, diz:

«—Bem! Vamos lá a resolver o que é que a gente hoje ha de reclamar á direccção!



E vem a talho de foice dar a definição de *amador*, que conseguiu o premio num concurso aberto pelo *New-York Herald*:

«—*Amador* é todo aquele atleta que recusa um pagamento em cheques.

Conquanto haja definição melhor:

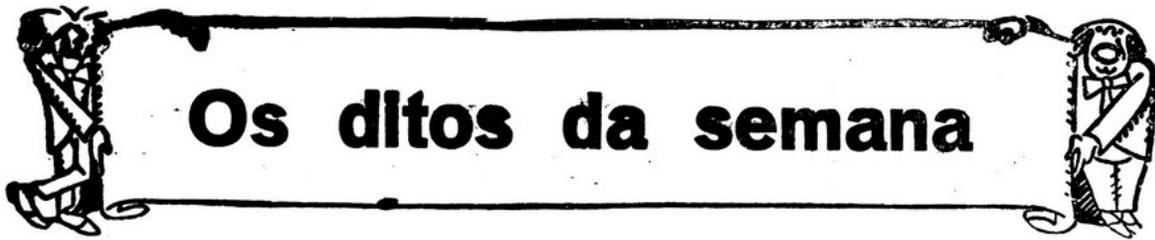
«—*Amador* é todo aquele que pelo reservar ao desporto que pratica seis dias por semana, durante oito meses—sem ter fortuna nem exercer profissão.

Rebola-A-Bola.

Uma "omolette" de camarão



Como o nosso campeão de box viu as estrelas do Cruzeiro do Sul...



Os ditos da semana

Autentiquíssima...

Um moço da moderna geração comercial — atrevido, perfeito, classico de atitudes, esperto como um alho — teve um apuro por causa dos seus negocios de mão cheia.

Procurou um amigo num grande estabelecimento bancario.

Foi logo recebido. E foi pelo seu amigo apresentado ao presidente do Conselho de Administração, um velho cheio de dinheiro e de rônha, que o abraçou como a dois amigos de uma vez.

—Você é que é o Lucio Seabra? (este nome é disfarce, está claro). Pois muito prazer! Você é um rapaz cheio de valor. Chegam-me noticias da sua actividade, da sua probidade, do seu talento comercial. Pois, sim senhor, muito prazer.

—Favores, sr. doutor, favores. Sou simplesmente um homem do meu tempo.

—Actividade moderna em alma antiga. Você é o *enfant gaté* da gente que vê alguma coisa. *Enfant gaté*, digo-lh'o eu. *Enfant gaté!*

O dito Seabra puxou o amigo para um *coin* do escritorio Luis XVI e disse-lhe do seu apuro. Emfim, 180 contos, amparados a um negocio de truz e a duas quintas da mu-

lher de rendimento superior à cifra.

—Homem! Faz a proposta. Se o doutor gosta de ti, é desconto certo. Tens homem. Não te esqueças de que és o *enfant gaté*. Pede... 200 contos.

O outro encheu a proposta e saiu radiante.

No outro dia havia conselho. Apareceu à tarde na secção de descontos. O empregado, um destes empregados de confiança, de uma educação *raffiné*, que exige um *cara* de cabo de esquadra, meramente profissional, informou-o:

—Sim, senhor. A sua proposta foi recusada.

—Homem!?

—Sim, senhor. Dificuldades de ocasião.

Descia as escadas do Banco, quando encontrou um terceiro amigo.

—Que é isso? Levas cara de caso...

—Não é nada. *Emfim*... *gaté*.

Outra, do estrangeiro. E' na Grecia, pais onde tem havido grandes mexidas por causa da politica. E' curta.

Um militar prestigioso, mas duro, foi substituido na governação, não sabemos agora

se militar se civil, por um outro official, coronel Papparaloso, criatura muito correcta, muito digna, amavel, gentil, elegante e tambem prestigioso. Por motivo de qualquer distincção honorifica usava, à laia de *fourragère*, cordões a tiracolo, de cor macia e discreta.

Quando, na ultima sarrafusa politica, se tratou de o investir em altos comandos, o primeiro, afastado da politica mas visitando todos os dias o gabinete do chefe, pôs as suas dúvidas...

—Fulano é muito bom. Mas isto está muito escuro. E não te esqueças de que o nosso homem é apelidado «o coronel dos cordões cor de rosa».

As incompatibilidades vão generalizar-se. A verdade é que toda a gente anda incompativel.

—Fulano não se dá com Cirano?

—Não, Estão incompativeis.

—Ora essa! Mas eles eram muito amigos. Visitavam-se até. Era frequente vê-los reunidos com as mulheres...

—Fois exactamente por causa disso.

O sr. X. casou. Casou com

um bom partido. A mulher riquissima. A sogra milionaria. O sr. X. foi infeliz nos negocios de automoveis e, compativelmente, entrou na fortuna da mulher. Para se deslorrar, entrou de boa amizade com a mãe da mulher, com quem — por erro de visão — até ali não se dera bem, tratando-a desalmadamente por «minha querida sogra» mas dizendo alto à mulher que a sua mãe não passava de «um traste», um velho banco de cosinha.

A certa altura de certa noite de chá em familia, o sr. X. acerrou-se da sua querida sogra e anunciou-lhe um negocio, no qual a queria interessar.

—E quanto venho eu a ganhar?

—O triplo dos cem contos que me vai emprestar.

—Mas nós somos incompativeis...

—Incompativeis! Oh! mãe! Isso já passou. Isso já lá vai. Eu hoje não vejo outra coisa...

—Não. Somos incompativeis dentro da lei. Não se esqueça de que é director geral e que eu não passo de um banco... de cosinha.

O nosso X. vai apelar para o sr. Ministro da Justiça.



O grande amigo de Portugal, dr. José Carlos Montaner, representante de "La Mañana", e "Imparcial", de Montevideo



Ela — Está a olhar para as minhas pernas?
Ele — Não me atrevo por caminhos tão perigosos!



O pai — Não sei o futuro deste rapaz... E' um idiota chapado...
— E' muito simples: succeder-lhe-ha no comercio.

Cruz Magalhães

que "criou" o Museu Rafael Bordalo Pinheiro



Na época do "biberon", é consolador vêr a dedicação com que a ama, ama e amamenta o seu querido "bébé"